

Crónica de um professor que não sabe se o é

Entre o toca a arrumar as coisas e o só mais um bocadinho *stör* mediava inevitavelmente o tempo que justificava uma apitadela longa e estridente. Nesse momento todos compreendiam que era necessário que uns arrumassem as raquetes de ténis de mesa, enquanto outros deveriam guardar a bola de basquete e os coletes de identificação. A aula de Educação Física tinha chegado ao fim. Pedro via-os partir bem dispostos e amigavelmente quezilentos. Nunca o dera a entender, mas simpatizava com eles. As aulas reflectiam, aliás, essa relação amigável. Não tivera até hoje qualquer tipo de problema com aqueles alunos, mas na verdade também nunca dera ensejo a que isso pudesse vir a acontecer. Preferia assumir uma atitude "*low profile*" que era, em sua opinião, a mais adequada para uma disciplina que não tinha mais significado e valor para aqueles miúdos que o de lhes permitir gastar energias de uma forma que os divertia, assumindo-se até como o único espaço lúdico que a escola formalmente lhes proporcionava.

Com as turmas da opção Desporto e com a equipa de basquetebol da escola adoptava, contudo uma outra postura, tendo em conta a importância da disciplina para aqueles que escolheram aquela opção e a natureza optativa da actividade competitiva que se propunha através das actividades do desporto escolar. Eram os próprios alunos que lhe faziam notar as diferenças. Aqui é mesmo a sério professor, era uma expressão que ouvia com alguma frequência nos primeiros dias de treino da equipa. Por isso, se para uns tinha fama de tipo porreiro, para outros era suficientemente exigente e empenhado. Dependia de onde o conheciam, se das jogatanas de andebol e de ténis de mesa no ginásio ou dos exercícios técnicos de aperfeiçoamento que ministrava de forma rigorosa e atenta. Por ele preferia considerar-se, antes, um pragmático e um homem de bom-senso que era das coisas que, na sua opinião, mais falta fazia nas escolas e, em particular, ao nível da relação que professores e alunos estabeleciam entre si. Sempre que a questão do bom-senso lhe vinha à cabeça, lembrava-se, inevitavelmente, de uma colega sua que mandara os alunos realizar em casa, nas férias da Páscoa, um trabalho individual sobre um país da Europa à sua escolha, sem lhes fornecer qualquer indicação acerca do modo de realizar a tarefa e, igualmente, sem cuidar de saber se os miúdos tinham livros ou outras fontes de informação que lhes permitissem responder adequadamente ao seu pedido. Por isso, Pedro não resistia a pensar, e algumas vezes a dizê-lo em voz alta, que vivíamos num mundo às avessas, onde havia professores que esperavam ser substituídos pelos pais e pais que pareciam esperar ser substituídos por professores, o que, a julgar pelos resultados, não satisfazia nem uns nem outros.

Foi à custa de opiniões como esta que adquirira o epíteto de cínico e também algumas das suas inimizades de estimação. A fama de professor permissivo, que circulava à boca pequena na sala de convívio dos docentes, não surgira, aliás, por acaso nem ao acaso. No entanto, Pedro Moura, o professor de Educação Física, era apenas uma pessoa que decidira deixara de lutar contra moinhos de vento, o que não significava que tivesse abdicado de pensar pela sua própria cabeça e de o mostrar sempre que achasse que isso valia a pena ou que era estritamente necessário. Acreditava, por exemplo, que a Educação Física não era uma área curricular menor em qualquer projecto de educação preocupado com o desenvolvimento integral da pessoa, mas não tinha ilusões acerca do seu actual estatuto no âmbito da educação escolar. Houve um tempo em que isso o incomodava, até começar a compreender que não era o facto de se preocupar excessivamente com o assunto que iria modificar o que quer que fosse. A ironia que hoje o caracterizava foi-se refinando, então, à medida que o seu cepticismo se ia consolidando e que o seu envolvimento se foi perdendo à custa do distanciamento que aprendeu a construir através de uma relação cada vez mais crítica com a realidade que o envolvia.

Quando um dia alguém lhe falou na possibilidade dos directores de turma terem de assumir um papel central na animação das aulas de educação cívica, Pedro Moura não conseguiu evitar uma sonora gargalhada. Não explicou porque se rira de uma forma tão alarve porque nem ele próprio sabia, nesse momento, porque o fizera. Só mais tarde, ao evocar o episódio numa roda de amigos, é que se foi apercebendo como rir era, neste caso como nalguns outros, a única atitude que lhe restava assumir. Sabia que muita gente iria protestar, mas que todos acabariam por aceitar, mais ou menos, contrafeitos a nova tarefa. Por isso, não podia deixar de rir quando se imaginava como professor de Educação para a Cidadania a discutir com os alunos, por exemplo, temas relativos ao comportamento eleitoral dos portugueses, proporcionando-lhe, quem sabe, a possibilidade de discutir a importância do voto na definição dos destinos do país, apesar dele próprio se ter abtido de ir às urnas nos dois últimos eleitorais. Mesmo que a sua posição pessoal não fosse para ali chamada, como é que ele animaria aulas e debates sobre o assunto que não fossem apenas mais uma espécie de sessão de esclarecimento enfadonha e sem resultados práticos? A não ser que os resultados esperados tivessem mais a ver com a necessidade do Ministério da Educação mostrar serviço, fazendo de conta que faz, mesmo sabendo que não o faz, porque aquela não seria a forma mais adequada de o fazer. Imaginava, igualmente, as voltas que a Berta daria para fugir a discussões que envolvessem questões sobre o SIDA ou o aborto e o Luís, que sempre recusara tirar a carta de educação, a abordar o tema da Educação Rodoviária com o à vontade próprio de alguém que sempre ocupou o lugar do morto. Ele próprio pagaria para assistir às aulas da Ana Luísa quando esta se dedicasse ao tema da Educação para o Consumo. Acreditava, todavia, que a Helena e a Judite poderiam estar na origem de qualquer coisa de significativo, apesar de, em sua opinião, não poder deixar de ser algo necessariamente efémero. O João Carlos, esse, arranjaría sempre maneira de aproveitar aquele tempo lectivo para resolver o que ele passaria a designar, certamente, por um dos maiores

problemas que afectavam a afirmação de uma cidadania activa e inteligente no mundo actual: o insucesso crónico e massivo na disciplina de Matemática. Ignorava como é que o Rodolfo organizaria as suas aulas de Educação Cívica, porque simplesmente a sua imaginação não dava para tanto, enquanto que quase apostava que a Anabela seria tentada a fazê-los participar nas campanhas de angariação de alimentos do Banco contra a Fome ou até nos peditórios do Dia da Caridade. Para todos os efeitos, perguntava-se porque é que as temáticas relacionadas, em princípio, com a Educação para a Cidadania, como a educação sexual, a educação para a saúde ou a educação para a participação na vida de uma sociedade democrática não integram, e com vantagens acrescidas, os programas das diferentes disciplinas do Ensino Básico e Secundário.

Acreditava que os pais, e os portugueses em geral, exprimiriam a sua aprovação pelo que consideram uma medida tão urgente quanto necessária, no seguimento de outras reivindicações semelhantes que lhes permitissem alimentar a ilusão de que não se teriam de esforçar por aí além para participar na educação dos filhos. Continuava a ser mais fácil responsabilizar a televisão pela violência quotidiana no mundo actual do que pensar sobre o nosso próprio contributo, por acções ou omissões, para que a mesma pudesse acontecer. Como sempre, e também neste âmbito, a culpa morreria solteira, seria sempre dos outros ou então do azar que nos tem vindo a perseguir desde o dia em que nascemos.

E os alunos? Alguém tinha pensado naqueles rapazes e naquelas raparigas que, se pudessem, venderiam a alma ao diabo para conseguir obter a média almejada que desse algum sentido aos três anos em que, pelo menos, teriam de permanecer naquela escola? Repetiu o encolher de ombros, nele cada vez mais habitual, que era o modo de expressar não só a sua desilusão como também a sua impotência face ao inevitável.

**Ariana Cosme
Rui Trindade**

Faculdade de Psicologia e ciências da Educação / Universidade do Porto